



## JUVENTUDE E O SEU PROTAGONISMO: REPRESENTAÇÕES NO BRASIL E NO CHILE CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DOS DOCUMENTÁRIOS “LA REBELIÓN DE LOS PINGUINOS” E “JUNHO”<sup>1</sup>

Eduardo Silveira Netto Nunes<sup>2</sup>

### RESUMO:

O protagonismo da infanto-juvenil e da juventude ganhou destaque nesta entrada do século XX. Movimentos capitaneados por jovens, estudantes, trabalhadores, tiveram forte expressão pública e política em diversos continentes e países. Como não lembrar das multidões que ganharam as ruas da Espanha, da França, de Portugal, da Grécia, empunhando a bandeira dos “Indignados”; os movimentos “occupy Wall Street”, nos Estados Unidos; as revoltas estudantis no Chile; a presença da juventude na chamada “Primavera Árabe”; as mobilizações pelo Passe Livre e depois nas chamadas “Jornadas de Junho” e, posteriormente, a movimento secundarista no Brasil. Os jovens expressaram-se contundentemente e chamaram a atenção para a sua dimensão política, suas reivindicações, forma de luta. Parte dessas mobilizações ensejaram filmes, documentários, livros, enfim, buscavam construir representações de que eram esses sujeitos, como pensavam, pelo que lutavam, como enxergavam o espaço público e da política. Dois documentários, dentre muitos outros materiais, “La rebelión de los pinguinos” e “Junho”. O primeiro é uma produção chilena que retrata as ações da juventude daquele país contra a privatização do sistema educacional e os aumentos nos custos da educação. O segundo é uma produção brasileira e retrata as mobilizações da juventude, de junho de 2013, que reivindicavam melhorias no sistema de transporte público, redução e/ou fim da cobrança pela utilização do transporte urbano, e desencadeou uma vasta adesão de pessoas com diferentes pautas e questões. Neste trabalho, analisamos, a partir dos apontamentos da história social da infância e da juventude e da história do tempo presente as representações criadas sobre a juventude e o seu protagonismo através dos documentários selecionados, pontuando questões como os contextos políticos, as narrativas apresentadas, as pautas e reivindicações, a trajetória mediata e imediata das mobilizações. Os documentários são utilizados como as fontes centrais da pesquisa, para os quais a história do cinema e usos do cinema como documento histórico, instrumentalizam o emprego dessas fontes

---

<sup>1</sup>Este trabalho tem o formato de um ensaio de aproximação ao tema, sem nenhuma pretensão de querer ser apreendido como fruto de uma pesquisa extensa. Faz parte de esforços por pensar na construção de representações cinematográficas da infância e da juventude levada a cabo por iniciativas como o projeto “Cine Infância e Juventude em Debate” organizado, nos anos de 2016 e 2017, pelo Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude da Associação Nacional de História, Seção São Paulo (ANPUH-SP), como o apoio do Museu de Arte Sacra, na cidade de São Paulo, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo

<sup>2</sup>Doutor em História Social- USP. Coordenador do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude da Associação Nacional de História, Seção São Paulo (ANPUH-SP). Professor Universitário na Universidade Brasil e no Centro Universitário Sant’Anna. edunettonunes@hotmail.com



nessa reflexão. Queremos encontrar e refletir sobre a juventude como sujeito da história contemporânea a partir de experiências significativas e com uma presença na memória coletiva atual relevante.

Palavras-chave: juventude; infância; adolescência; cinema; política; história

O protagonismo de meninos e meninas, chicos e chicas, adolescentes, ou mesmo jovens nos últimos anos na América Latina, tem desafiado os estudiosos, politólogos, analistas sociais, acostumados a pensar em agentes políticos no campo institucional e adulto. Mesmo classificar esses protagonistas apenas como jovens, como juventude seria, de fato um equívoco terminológico, uma vez que os participantes de diversas mobilizações, como aquelas registradas nos documentários “Junho” e “La Revolución de los Pingüinos”, abarcam sujeitos cuja faixa etária transitaria da infância, passaria pela adolescência, chegaria na juventude e abarcaria ainda adultos. Ainda que os participantes das ações que desembocaram na amplitude da significação de “Junho” (junho de 2013) e da “Revolución” (maio a julho de 2006), ou seja os emuladores iniciais e mais expressivos desses episódios, foram inequivocadamente estudantes do ensino básico/secundário – no Chile – e do ensino secundário e universitário – no Brasil –, o impacto das iniciativas foram marcantes pelas consequências de ambas: manifestações multitudinárias para as quais convergiram centenas de milhares de pessoas – no caso do Chile, e milhões de pessoas no caso do Brasil, não redutíveis a qualquer gradação etária, ainda que os jovens e adolescentes tenham predominado e mantido a agência das ações.

Nesse sentido, talvez fosse mais apropriado designar os protagonistas problematizados no texto como infanto-juvenis, mesmo com essa observação optamos por chamá-los de juventude, e por esta entendemos de uma forma larga e abrangente, assim como pensam LEVI e SCHMITT (1996: 7-9) ao afirmarem que “dificuldades para definir o que seja de fato a juventude. [...] ... como nas demais etapas da vida, também a juventude é uma construção sócio cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de limite. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da vida adulta.” (p. 7 e 8). Complementam os autores que “nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer, caótico e desordenado.” (Idem: 9) Exatamente pelas representações sobre esses sujeitos históricos em processo de atuação provocativa da sociedade receberem a designação de “jovens” e que, de certo modo, autoidentificarem-se como partes da juventude de seus países, assim também os chamamos neste trabalho: jovens/juventude.

Ao lado da busca pelas representações da juventude, aqui objetiva-se problematizar a fonte através da qual constrói-se ideias das experiências juvenis, qual seja, a produção cinematográfica no seu gênero documentário. A historiografia tem problematizado o uso de filmes como fonte de pesquisa para o historiador, e alertado para os cuidados que devem ser adotados na utilização dessa fonte, bem como das



potencialidades da mesma. De modo especial, Saliba afirma que o “filme é produzido, nele irradia um processo de pluralização de sentidos ou de verdades e, da mesma forma como a história, ele é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente.” (1992:18). Esse entendimento do filme como construção faz com que leve-se em consideração que “o princípio do cinema reside na seleção que é feita, em primeiro lugar, pela câmera e pela montagem, sobre o que há para mostrar e, depois, na articulação dessas imagens selecionadas, ao projetá-las nas tela em branco.” (1992: 19). Sendo o filme fruto de uma série de intervenções, intencionalidades, sendo o RESULTADO DE UMA CONSTRUÇÃO, a sua análise deve observar “tanto os eixos ideológicos da produção fílmica, quanto o considera-lo como construção artística carregada de energia e significação - a criação fílmica – ressaltando o caráter de construção e de criação de significados pelo sujeito” (1992: 19).

Ou seja, aqui trata-se de pensar nessas produções cinematográficas como fruto de construção dos diretores, que ao organizarem as imagens, selecionarem as falas, quem fala, os sons, as sequencias, elaboram um artefato da cultura multifacetado e complexo que diz e pode dizer muitas coisas.

Pensando nos dois filmes, podemos primeiro resumir a *Revolución de los Pingüinos*<sup>3</sup> como um documentário acompanha a grande mobilização dos secundaristas chilenos, que seria “filha” das mobilizações estudantis de 2001, principalmente na cidade de Santiago de Chile, entre os meses de maio e julho de 2006, com maior destaque para o início do mês de junho, estudantes estes que reivindicavam a revogação da “Lei Organica de la Educación”, elaborada durante lo regime ditatorial de Pinochet, o retorno do Passe Livre no transporte público – que fora restringido durante o governo de Michele Bachelet – e a melhoria da qualidade da educação. O roteiro acompanha, cronologicamente, os acontecimentos envolvendo as chamadas “revuelta de los pingüinos” entre os meses de maio e junho. A repressão acompanha todo o documentário, assim como a atuação ativa dos estudantes em marchas, ocupação de escolas e sede da Unesco no Chile. As principais pautas: Revogação da Lei Organica de la Educación; Passe Livre; Melhoria da qualidade da educação; Os protagonistas entre a idade 14-17 anos.

O documentário busca retratar em Santiago de Chile, a dinâmica das manifestações que pulularam no país entre maio e junho de 2006, precipitadas por medidas governamentais que restringiam o passe escolar, recursos para a educação e a alimentação escolar, bolsas de estudo e auxílio para o ingresso no ensino superior adotada pelo Governo de Michele Bachelet. O documentário adota o ponto de vista de um testemunho dos acontecimentos pelo lado dos estudantes secundarista, dando destaque a esses sujeitos

Já o documentário *Junho*<sup>4</sup> enfatiza uma pauta explicativa dos eventos de 2013. O roteiro acompanha, cronologicamente, os acontecimentos envolvendo as chamadas “JORNADAS DE JUNHO” de 2013, envolvendo Problemas do transporte público; apresenta Argumentos sobre a questão do transporte de parte dos manifestantes (argumentos politizados e não politizados) (ex: usuário que reclama que o transporte está

---

<sup>3</sup>Ficha técnica: *Revolución de los Pingüinos*. Direção: Jaime Díaz Lavanchy e Francisca Araya. Chile, 2008, 86 min (Memória Social)

<sup>4</sup>Ficha técnica: *Junho*. Direção: João Wainer. Roteiro: César Gananian e João Wainer. Brasil, 2014, 72 min.



uma m.) (ex: manifestante do Movimento Passe Livre); segue acompanhando as primeiras manifestações e a repressão; enfatiza as grandes manifestações com adesão da mídia; e apresenta um desfecho entusiasta com um momento de mudanças.

O documentário busca retratar a dinâmica das manifestações que pulularam no Brasil em Junho de 2013, precipitadas pelo aumento da tarifa do transporte público na cidade de São Paulo e outras cidades, a partir de três eixos: a opinião de articulistas da Folha de São Paulo – intelectuais, professores, pesquisadores; as falas de participantes; e o olhar jornalístico dos repórteres da Folha. O enfoque, apesar de se propor a falar do Brasil, é dedicado em sua maior parte à cidade de São Paulo.

Comparando os filmes<sup>5</sup>:

1. As falas do filme:

J: Falas majoritariamente como depoimento – breves, compilados e organizados pelo diretor, como resultado de PERGUNTA-RESPOSTA (ENTREVISTA com manifestantes selecionados) ou de FORMADORES DE OPINIÃO que escrevem para a Folha de São Paulo.

P: Falas captadas tanto em áudio e vídeo ao vivo (reuniões, assembleias, comunicados oficiais) (ambiental) como depoimentos MAJORITARIAMENTE de alguns envolvidos mais ativamente na organização.

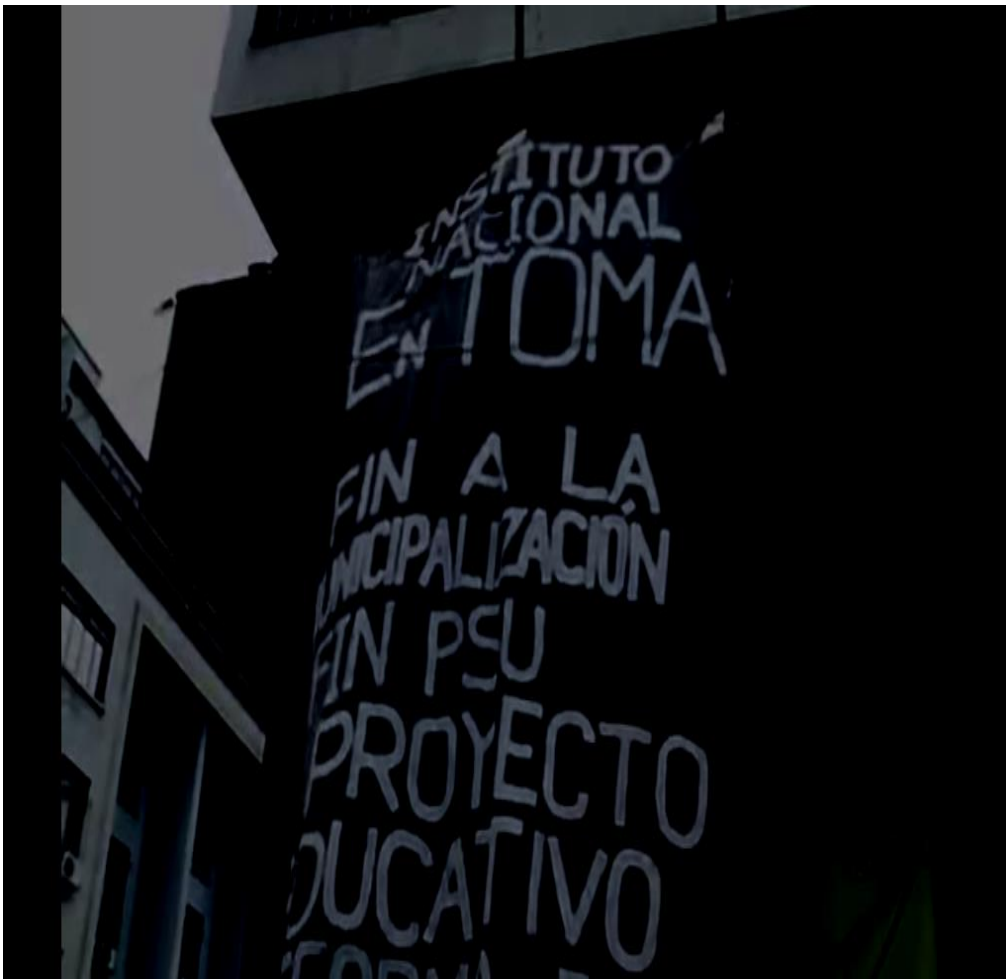
IMAGENS:

J:





P:



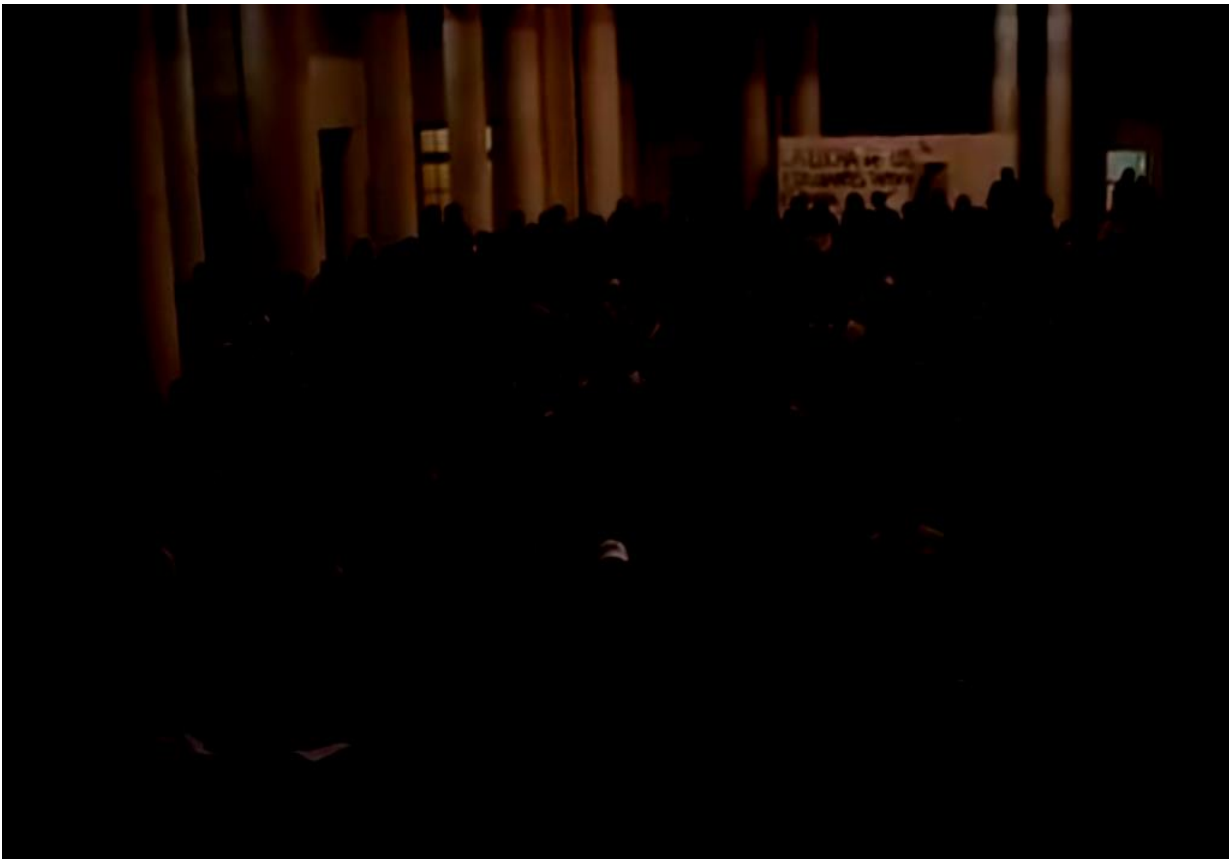
2. Sentido do documentário:

J: Documentário busca ser uma ferramenta que procura oferecer interpretações e sentidos para as “JORNADAS DE JUNHO” de 2013 a partir de jornalistas, diretores e roteiristas vinculados ao Grupo Folha.

P: Documentário busca registrar, a partir do olhar dos manifestantes e adolescentes, o processo que envolveu a “Revolución de los Pinguinos”.



J:





J: Jovens são apresentados como os protagonistas dos processos, mas ocupam, no documentário, um lugar de “objeto” do olhar, predominantemente, o que quer dizer, são vistos e observados e por eles se apresentam muitos argumentos.

P: Jovens são os protagonistas dos processos do levante estudantil e partícipes presentes ativamente com suas falas, interpretações e observações sobre o que se passava no Chile.

P:

4. Representação da repressão:

J: Imagens da repressão

P: Imagens da repressão. Apresenta, num sentido de crítica, como a imprensa enfatizava quebra-quebra, alguns furtos, e de como a TV colaborava com a repressão por representar as manifestações como atos violentos. A tomada dos colégios se dá no transcurso da repressão das primeiras mobilizações.

J:



P:





#### BIBLIOGRAFIA :

- GUERIN, Marie Anne. El relato cinematográfico. Sin relato no hay cine. Barcelona/Buenos Aires/Ciudad de México: Paidós, 2004.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. História dos jovens. (vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (coord.). Fontes Históricas. 2. Ed., 1. Reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.
- OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. O vídeo como fonte para a história. Projeto História, São Paulo, n.21, nov., p. 237-246, 2000.
- SALIBA, Elias T. A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica. In :Lições com cinema, 3. São Paulo: FDE, 1992. p. 11-31.
- SILVA, Regina Helena Alves da (orgs.). Ruas e redes: dinâmicas dos protestosBR. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel; DAYRELL, Jorge (org.). A juventude vai ao cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.